



A HETERONORMATIVIDADE NA ESCOLA E AS IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS DOCENTES

SCHOOL HETERONORMATIVITY AND TEACHERS' HOMOSEXUAL IDENTITIES

Vanessa Daniela Weber¹
Daniel Luciano Gevehr²
Ailim Schwambach³

Resumo: Analisam-se as diferentes identidades docentes homossexuais, no contexto escolar, refletindo sobre o cotidiano da docência. Busca-se compreender como ocorrem as relações de interação entre o corpo docente e discente, analisando se estes professores sofrem preconceito devido a sua identidade de gênero, bem como investigar as experiências destes e sua aceitação no ambiente no qual atuam. O estudo teve como recorte espacial a região Metropolitana de Porto Alegre e, a partir das falas dos respondentes, realizou-se uma análise sobre os elementos que constituem o universo social e cultural no qual estão inseridos a escola, os docentes e os discentes e no qual ainda prevalece a visão de uma sociedade que prioriza a heteronormatividade. Analisar as vivências desses docentes, por meio das entrevistas, possibilitou repensar o quanto é importante trazer esta temática nas escolas. Abordar esses discursos, no contexto escolar é fundamental para que se possa atacar, de frente, o preconceito, cessar as piadas maldosas e a utilização de adjetivos absolutamente depreciativos, como bicha, viado, frango, marica ou baitola, e reconhecer que estes sujeitos têm direitos e que precisam ser respeitados, numa relação de equidade. Evidencia-se, através da pesquisa, a importância que a escola exerce diante destas questões, ou seja, é necessário que se busque trabalhar e dar visibilidade à diversidade. É preciso fortalecer as propostas de educação, para o respeito à diversidade, no ambiente escolar, criando condições e estratégias adequadas para esse exercício. Trazer essa contextualização para o ambiente escolar contribui para a diminuição das diferenças, mostrando que cada ser é único e singular. Não basta somente estabelecer diálogos entre os diferentes, é necessário mudar estruturas, capazes de enfrentar a desigualdade e a injustiça, quanto à questão de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Homossexualidade. Professor. Contexto escolar.

¹ Licenciada em Pedagogia (ISEI). Email: nessaivoti@hotmail.com

² Doutor em História (Unisinos). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR - FACCAT). Email: danielgevehr@hotmail.com

³ Doutora em Ciências pela UFRGS. Professora no Instituto Superior Ivoti.
E-mail: ailim.schwambach@institutoivoti.com.br

Abstract: The different identities of homosexual teachers in the school context are analyzed, reflecting on the teaching routine. It seeks to understand how the relationships of interaction between faculty and students occur, analyzing if these teachers suffer prejudice due to their gender identity, as well as investigate their experiences, and their acceptance in the environment in which they operate. The study had as a spatial cut, the Porto Alegre Metropolitan Region, and from the respondents' statements, an analysis was made about the elements that constitute the social and cultural universe, in which the school, the teachers and the students are inserted. In which the view of a society that prioritizes heteronormativity still prevails. Analyzing the experiences of these teachers, through interviews, made it possible to rethink how important it is to bring this theme to schools. Addressing these speeches, in the school context, is fundamental so that prejudice can be attacked head on, cease the malicious jokes and the use of absolutely derogatory adjectives, *bicha*, *viado*, *frango*, *marica* ou *baitola*, and recognize that these subjects they have rights and they need to be respected, in a relationship of equity. It is evident, through research, the importance that the school exercises, in the face of these issues, that is, it is necessary that it seeks to work and give visibility to diversity. It is necessary to strengthen education proposals, in order to respect diversity, in the school environment, creating appropriate conditions and strategies for this exercise. Bringing this context to the school environment contributes to reducing differences, showing that each being is unique and singular. It is not enough just to establish dialogues between the different, it is necessary to change structures, capable of facing inequality and injustice, regarding the issue of gender and sexuality.

Keywords: Homosexuality. Teacher. School context.

1 INTRODUÇÃO

Já dizia o poeta italiano Pier Paolo Pasolini que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos. Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família. (TREVISAN, 2018, p. 17).

A luta pela igualdade e a garantia de um bom convívio entre as diferentes culturas e grupos humanos tem sido uma questão cada vez mais relevante, em todo o mundo. No Brasil, sabe-se que tanto o poder público, quanto a sociedade, vêm batalhando para combater o preconceito e diferença, respeitando as múltiplas diversidades em que se configura a população.

A pesquisa apresentada embasou-se nos conceitos de identidade e diferença, na historicidade das novas

concepções das identidades sexuais e de gêneros e, principalmente, em considerações constituídas pela teoria queer. Essa teoria pós-estruturalista propõe-nos refletir sobre as diferentes identidades que se estabelecem, a partir das diferentes manifestações das sexualidades e dos gêneros. Segundo Louro (2004, p. 64), questionar o binarismo heterossexualidade / homossexualidade é um dos elementos fundamentais da teoria queer, porém não somente enfatizar as identidades homossexuais, é necessário enxergar, refletir e entender o âmbito em que todas as identidades (sexuais, gêneros, raciais, classes) são constituídas.

Devido a importância que essa temática adquiriu na sociedade, questiona-se sobre como se dá o processo de interação professor/a na escola. Como ocorrem as relações destes indivíduos com os colegas-professores/as, alunos/as e direção escolar? Suas identidades são

veladas ou reveladas? A escola é espaço para a diversidade? A partir destes questionamentos busca-se compreender como ocorrem essas vivências do/a professor/a homossexual na instituição educacional.

O termo homossexual, conforme Guimarães (2009, p.555), difundiu-se a partir de 1869, com o jornalista e poeta Karl-Maria Kertben nascido em Viena, na Áustria. O termo vem do grego *homos* que significa semelhante, o mesmo e do latim *sexus* (“sexo”), sendo assim homossexual está relacionada com a identidade sexual do indivíduo que sente atração física e / ou emocional por ser do mesmo sexo ou gênero.

No entanto, outros termos inapropriados foram adotados e, através dos quais, a sociedade associa com o homossexual: sodomia, desvio, doença, pecado nefando, crime contra a natureza etc. Todas essas relações sociais resultam em inúmeros preconceitos, que ainda hoje continuam fortemente visíveis na cultura brasileira. É preciso compreender que se vive em uma sociedade que se constitui através de culturas, mitos e religiões.

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas no século XX, que fundamentam as distinções relacionadas ao sexo biológico (do nascimento). Este movimento surge em função da desigualdade de poder, entre homens e mulheres. Segundo as feministas, o que importava na perspectiva das relações de gênero era discutir os processos de construção ou formação histórica, linguística e social, instituídas na formação de mulheres e homens (BUTLER, 2010).

É preciso lembrar que o termo gênero vem do Latim *genus*, que significa nascimento, família, tipo. Tradicionalmente o termo é utilizado como uma compreensão gramatical de palavras, subdividindo entre masculino, feminino e neutro. Na origem grega, *genus* e *geneã* referiam-se a sexo e apenas no século XV esta ligação passou a ser colocada, isto é, o

termo gênero passou a ser sinônimo de sexo biológico das pessoas. Já na medida em que aproximamos a discussão do campo da educação, percebe-se que, segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), formulado pelo MEC, o conceito de gênero:

[...] diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. (BRASIL, 2000, p. 321).

Evidencia-se a ideia de que a sexualidade é algo biológico e que a masculinidade e feminilidade são pura expressão da natureza. No entanto, a utilização do gênero exige conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais, entender como são desempenhados pelas culturas e sociedades nas relações entre homens e mulheres. Desta forma, Louro (2000, p. 62) destaca que a identidade de gênero se vincula à identificação histórica e social dos sujeitos, que se reconhecem como femininos ou masculinos. A identidade sexual está relacionada, formalmente, à maneira com que os indivíduos experienciam seus desejos corporais.

Entende-se que a escola é a instituição de quebra de paradigmas, mas também pode reproduzir modelos de vida a serem seguidos. As instituições de ensino são ambientes privilegiados e é, nesse contexto, que se devem quebrar o preconceito e a discriminação. É nessas instituições de ensino que se constroem novas experiências de vida através da interação, aprendendo a viver em um contexto educativo e coletivo, relacionando-se e exercitando sua capacidade de estabelecer múltiplas relações (LOURO, 1999).

O Princípio Constitucional da Igualdade não admite que exista a desigualdade, de qualquer natureza, aos

homossexuais. Porém, na maioria das vezes, o preconceito vem de uma compreensão mal idealizada, no entendimento dos indivíduos. Segundo Santos (2012, p. 3), a homofobia ainda permanece, porque muitas vezes os indivíduos não têm conhecimento a respeito da sexualidade.

Ainda que existam pessoas que se posicionam contra os homossexuais, há um programa chamado “Brasil sem homofobia”, lançado em 2004, em que foi elaborado a não discriminação (LÁZARO, 2004). Portanto o programa “Brasil sem Homofobia” desenvolve um conjunto de ações destinadas a viabilizar o respeito à diversidade sexual e ao combate de inúmeras formas ao rompimento dos direitos humanos LGBT. Assim um dos principais benefícios do Programa é definir diretrizes que possam apontar a situação do homossexual, vítimas da homofobia em todos os seus espaços.

A pesquisa privilegiou a análise dos professores homossexuais, no contexto escolar, assim investigando suas vivências, dificuldades, o que sentem e o que sugerem sobre a temática, no âmbito da escola de educação básica. Desta forma, se buscou dar voz aos protagonistas deste processo, dando espaço ao seu lugar de fala.

2 EM BUSCA DOS LUGARES DE FALA: OS PERCURSOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados, de forma intencional, de acordo com os critérios da temática. Primeiramente, a investigação realizou-se com seis professores/as homossexuais, que possuem experiência em escolas de ensino básico, em municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre. Antes da entrega do instrumento de pesquisa aos participantes, foi realizado contato com os sujeitos, para explicar o objetivo dela e obter a permissão da aplicação do questionário e da entrevista. Abaixo, apresenta-se a

identificação dos entrevistados:

Quadro 1 - Apresentação do grupo de pesquisa

	Município	Gênero	Idade
Docente 1	Sapiranga	Feminino	20 a 25
Docente 2	São Leopoldo	Masculino	35 a 40
Docente 3	Lindolfo Collor	Masculino	33 a 38
Docente 4	Ivoti/Bento Gonçalves	Masculino	25 a 30
Docente 5	Porto Alegre	Feminino	30 a 35
Docente 6	Novo Hamburgo	Masculino	25 a 30

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados.

Para a construção do questionário, foram elaboradas perguntas sobre sua identidade de gênero, questionando-se sua percepção se a instituição, onde os professores atuam, aceita ou tolera as diferentes identidades de gênero do corpo docente e discente. O questionário semiestruturado continha quatro perguntas, direcionadas para os/as professores/as que atuam na Educação Básica. O mesmo questionário foi enviado aos participantes, por e-mail, para que esses pudessem responder, de acordo com sua disponibilidade, assim deixando-os confortáveis para refletirem sobre as questões propostas. Contudo, também foi realizada a entrevista com os participantes que se disponibilizaram, a fim de compreender melhor a sua atuação, no contexto no qual estão inseridos, tanto na instituição, como no convívio social.

Os procedimentos de coleta de dados aconteceram entre os meses de agosto de 2018 e abril de 2019. Para a análise de dados se fez necessário refletir, de forma mais ampla e crítica, à luz das teorias sobre gênero, que permitiram relacionar o conteúdo presente nas respostas dos questionários, estabelecendo comparações entre a literatura existente sobre o tema e as proposições trazidas pelos professores entrevistados. Cabe salientar que os nomes fictícios não têm nenhuma relação com os nomes verdadeiros dos pesquisados. Sendo assim, serão usados

os seguintes codinomes: professor 1, docente 2, docente 3, docente 4, docente 5 e docente 6.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, ou seja, o questionário contendo quatro perguntas, direcionadas a seis professores do ensino básico. Do total distribuído, todos os questionários retornaram e esses foram considerados na análise de dados desta pesquisa. A análise dos dados resultou nas categorias que se apresentam a seguir.

As informações são resultado da análise das respostas dos questionários que foram aplicados a seis professores que atuam no ensino básico. O recorte espacial da pesquisa procurou dar voz a professores, localizados em cidades e contextos sociais e culturais diversos, permitindo, com isso, uma amostra que privilegiasse diferentes cenários e perspectivas, dentro de uma mesma região, que é a Região Metropolitana de Porto Alegre.

Quadro 2 - Perfil dos Docentes entrevistados

Docentes	Perfil
Docente 1	Licenciado em Música
Docente 2	Licenciado em Ciências Biológicas
Docente 3	Licenciado em História
Docente 4	Licenciado em Matemática, Tecnologia em Linguística, Licenciatura em Física, Tecnologia em Análise e Des. de Sistemas, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática, Licenciatura em Ciências
Docente 5	Licenciado em Ciências Biológicas
Docente 6	Licenciado Letras Português e Alemão

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados.

A escola possui, via de regra, uma direção e coordenação pedagógica e essas buscam auxiliar seus docentes, de

maneira que possam deixá-los seguros e confiantes, para exercerem seu trabalho com os discentes. Diante disso, buscou-se analisar, de forma crítica, o olhar destes docentes em relação ao seu espaço de trabalho. Sendo assim, questionou-se, na visão dos entrevistados, se a instituição na qual atuam aceita ou tolera as diferentes identidades de gênero do corpo discente e docente. Sobre esta questão, o Docente 1 afirma que “*em todas as escolas onde trabalho, nunca sofri nenhum tipo de preconceito, nem nada parecido com intolerância vindo da direção, ou colegas e professores*”. Do mesmo modo, o Docente 2 destaca que:

“[...] percebo, que a escola dialoga e trabalha em alguns momentos sobre identidades e sexualidades, entretanto esta aceitação ainda não é completamente declarada. Por exemplo, quando tivemos algumas alunas transgênero na EJA, a escola não aproveitou o momento para avançar debates sobre reconhecimento de diferenças, as alunas foram reconhecidas como mulheres cisgênero e tratadas como tal. Quanto a docentes, o discurso é de aceitação, infelizmente não vivenciamos esta prática.”

Nesta afirmação, pode-se considerar que a escola tem se empenhado, para amenizar essas desigualdades, porém ainda não está totalmente aberta à aceitação das diferentes identidades de gênero. Entendemos que a escola é um espaço que deva favorecer a construção da autonomia e criticidade, não somente dos seus alunos, mas de todos que constituem este ambiente, para que, dessa forma, se consiga refletir sobre a igualdade de gênero no ambiente escolar, na perspectiva proposta por Seffner e Picchetti, (2016, p.66), para quem “a escola educa para a vida no espaço público, local onde o respeito pela diversidade – por vezes nomeado como tolerância – deve ser a regra.”

Já na entrevista com o docente 3 e docente 4 percebeu-se que esta questão,

de aceitar ou tolerar, está bem esclarecida. Quando questionado sobre, se a instituição onde atua aceita ou tolera as diferentes identidades de gênero, o docente 3 afirma que: *“Tolera. Vivemos em uma sociedade extremamente preconceituosa. Entre o corpo docente, por muitas vezes, já percebi um preconceito velado. Entre os adolescentes e suas descobertas também percebo certa intolerância em determinadas situações.”*

Neste caso, percebe-se através da afirmação que existem resquícios de preconceito quanto à identidade de gênero, tanto por parte dos docentes, quanto dos discentes. Diante desta situação, é pertinente que a escola promova discussões e reflexões sobre a sexualidade, visando a combater práticas de preconceitos no espaço escolar. Fica ainda mais evidente que abordar estas questões no âmbito escolar é de suma importância para a prática de ações voltadas à diversidade.

Felizmente, não se pode afirmar que a totalidade dos docentes não são aceitos/tolerados nas instituições. Há também aqueles que têm uma visão positiva, em relação a sua identidade, no ambiente em que atua, como mostra o docente 4, para quem:

“Em ambas as instituições que atuo, por se tratarem de ambientes onde a heterogeneidade é evidente as relações constituídas aparentemente são dotadas de aceitação e de respeito por parte das pessoas que constituem esse ambiente. Em uma delas há inclusive grupos de pesquisa relacionados a identidade e relações de gênero. Grupos estes responsáveis pela discussão e mobilização quanto a conscientização sobre a sexualidade, identidades e relações de gênero.”

Refletindo sobre o conteúdo trazido pelo docente acima, percebe-se que algumas instituições estão mais abertas – ou conscientes – para esta questão e demonstram boas práticas, trazendo discussões acerca deste assunto, tanto

para os docentes, como para os discentes. Essas ações contribuem, de forma positiva, para a sociedade. Fica evidente que há uma preocupação quanto ao preconceito e à desigualdade que esses profissionais vivenciam na sociedade. Na mesma linha de pensamento, o Docente 6 descreve que *“a escola mostra-se bem aberta, tolerante e respeitosa! Nunca houve casos de retaliação a professores ou alunos ou situações constrangedoras devido a sua orientação sexual.”*

Quadro 3 - Questão 1 A instituição onde você atua, aceita ou tolera as diferentes identidades de gênero do corpo docente e discente?

Postura da escola	Comentários
Aceita	<i>“Nunca sofri nenhum tipo de preconceito, nem nada parecido com intolerância vindo da direção, ou colegas professores.”</i>
Tolera	<i>“Percebo que a escola dialoga e trabalha em alguns momentos sobre identidade e sexualidade, entretanto esta aceitação ainda não está completamente declarada.”</i>
Tolera	<i>“Entre o corpo docente, por muitas vezes, já percebi um preconceito velado.”</i>
Aceita	<i>“São dotadas de aceitação e respeito por partes das pessoas que constituem esse ambiente.”</i>
Tolera	Não comentou.
Aceita	<i>“A escola mostra-se bem aberta, tolerante e respeitosa!”</i>

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados.

Quando questionados sobre a segurança do professor em responder aos alunos, perguntas relacionadas à sua identidade de gênero, o Docente 1 descreve que não tem, porque trabalha diretamente com projetos, nos quais os discentes naturalmente podem ser afastados pelos pais/responsáveis. Entretanto, a Docente 1 destaca que, por parte das crianças, não identificou mal algum, quando se abordam questões referentes à homossexualidade, porém, em narrativas das crianças

sobre seus pais/responsáveis, fica evidente que ainda existe muito preconceito e medo, e que a presença de um professor homossexual possa influenciar seus estudantes. Em sentido contrário ao que o docente anterior relatou, o Docente 6 declarou que:

“Sinto-me seguro e tranquilo para responder questões relacionada ao tema de uma forma geral e ampla. Embora haja uma grande diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, é importante que o professor sinta-se seguro para falar sobre o tema. Se tratando da minha própria orientação sexual, não vejo necessidade de abordar o tema em aula, pois trata-se da vida particular. Como professor sinto-me na obrigação de abordar tanto questões relacionadas a identidade de gênero quanto as ligadas à orientação sexual, quando trazido pelos alunos para aula, a fim de sanar as dúvidas das questões apresentadas.”

Percebe-se, claramente, que o docente se mostra flexível e acessível quanto a estas questões. Estar aberto a essas discussões e questionamentos promove um maior entendimento aos alunos, de maneira que os docentes possam desconstruir ideologias que estão pré-estabelecidas. Nessa mesma linha de pensamento, o Docente 2 destaca que tem propriedade para abordar sobre sua identidade e destaca que, em suas aulas na EJA (Educação de Jovens e Adultos), é comum falar sobre homossexualidade e, conseqüentemente, de identidades de gênero. Entretanto, o docente pondera que, com alunos mais novos, não se sente seguro, por não ter convicção de que está transmitindo, de forma apropriada, para aquela faixa etária, o conhecimento sobre o tema e, sendo assim, busca ser mais cauteloso com as respostas. Já o Docente 3 declara que:

“Todos sabem que sou homossexual e tenho um parceiro. Creio que se torne cada dia mais natural no meu âmbito profissional. Já leciono há 6 anos nesta mesma escola, e com o passar do tempo, eu fiz com o tema homossexualidade deixasse de ser tabu. Falo com os alunos sobre isso como algo que é super normal dentro da sociedade atual, apesar do

preconceito ainda existente e que precisa ser superado.”

Ao analisar esta resposta, na qual o docente afirma que toda a comunidade tem conhecimento sobre sua identidade de gênero e, inclusive sobre sua conjugalidade, torna-se claro que, de acordo com o professor, não basta somente transmitir conhecimentos teóricos, derivados de estudos interdisciplinares sobre gênero e sexualidade, com o objetivo de superar o preconceito e discriminação na escola. É imprescindível ir além, abrir espaços nas instituições para questionar os sentimentos, as dificuldades e os prejulgamentos que abordam esta temática.

Na fala do docente, fica clara a ideia de que o ele ocupa um lugar de fala, ou seja, o fato dele se assumir publicamente, em relação à sua identidade de gênero, o coloca na posição de falar sobre si, expondo parte de suas experiências de vida e, ocupando, portanto, um lugar de fala própria. Situações nas quais se percebe preconceito ou desconhecimento sobre a questão da diversidade de gênero – por parte dos próprios docentes – ficam claras na fala do Docente 3, que possui um relacionamento homossexual e que se refere ao seu companheiro como um “parceiro”. Percebe-se aqui a possibilidade de haver um certo preconceito no uso desta palavra, em detrimento ao uso da nomenclatura utilizada em matrimônios héteros, tais como: marido, esposo, namorado, etc. Na tentativa de desconstruir esses preceitos, de caráter heteronormativo, o Docente 4 declara que:

“Em diversos momentos a discussão envolvem esse tema vem à tona. Principalmente em alunos com menor idade onde a curiosidade é bastante aguçada. Por conhecer o assunto e ser plenamente decidido. Em relação a minha identidade sexual/gênero é tranquilo a retirada das dúvidas que eles manifestam. Logicamente as conversas giram em torno de assuntos de maneira geral envolvendo tal tema. As respostas dadas a tais questionamentos sempre são com o intuito de conscientizar os alunos e desconstruir ideias, atitudes e posicionamentos não favoráveis.”

Fica evidente que os alunos apresentam curiosidade sobre o assunto. Nessa

perspectiva, para este professor, que é homossexual assumido em seu ambiente de trabalho, fica mais fácil a convivência e, portanto, falar sobre esta questão. O Docente 5, por sua vez, declarou somente que se sente seguro, tranquilo em relação a perguntas relacionadas a sua identidade de gênero, não trazendo maiores informações sobre o tema em questão.

Quadro 4 - Questão 2 - Você se sente seguro, tranquilo para responder aos alunos, perguntas relacionadas a sua identidade de gênero?

Postura do Docente		Comentários
Docente 1	Não	<i>"A maioria das crianças não vê mal algum em relação à homossexualidade, porém em relatos das mesmas sobre seus responsáveis vejo que ainda existe muito preconceito e medo de algum tipo de influência."</i>
Docente 2	Sim	<i>"Com certeza, e me sinto autorizado em falar abertamente, pois sou professor de ciências."</i>
Docente 3	Sim	<i>"Falo com meus alunos sobre isso como algo que é supernormal."</i>
Docente 4	Sim	<i>"Por conhecer o assunto e ser plenamente decidido em relação a minha identidade sexual/gênero é tranquilo a retirada das dúvidas que eles manifestam."</i>
Docente 5	Sim	Não comentou.
Docente 6	Sim	<i>"Sinto-me seguro e tranquilo para responder questões relacionadas ao tema de uma forma geral e ampla."</i>

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados.

Um dos aspectos principais da investigação busca refletir sobre o fato e as circunstâncias nas quais os docentes já vivenciaram algum tipo de preconceito, em relação a sua identidade de gênero no ambiente onde atuam. O Docente 1 e o Docente 6 relatam que não vivenciaram nenhum tipo de preconceito, por não falarem sobre sua vida pessoal. Porém o Docente 1 ressalta que, apesar das evidências quanto a sua aparência, os

colegas sempre a respeitaram, não havendo distinção em relação a sua pessoa. Diferente do Docente 2, que destaca que já vivenciou, através de insultos indiretos, por parte de alguns pais, depois de um desentendimento relacionado ao rendimento escolar de seus filhos. Situação semelhante é trazida na fala do Docente 3, que enfatiza que:

"No começo da carreira profissional sofri bastante. Fiz acompanhamento psicológico, algo que me ajudou a superar alguns traumas. Com o passar do tempo deixei de dar ouvidos a comentários maldosos e preconceituosos. Hoje levo tudo na esportiva. O maior prazer do preconceituoso é ferir o agredido, mas quando percebo que aquilo não o abala, ele para. A auto-aceitação e um posicionamento firme perante a sociedade são as melhores armas contra o preconceito."

Percebe-se, de forma clara e objetiva, que estes professores experienciaram atitudes discriminatórias homofóbicas, no âmbito profissional. Conforme o relato do docente 3, ao ingressar na carreira, enfrentou diversos obstáculos, para os quais necessitou de ajuda profissional para superar estas dificuldades. Verifica-se, através dos dados da pesquisa, que enquanto um professor não sofreu diretamente com algum tipo de discriminação, os Docentes 2 e 3 tiveram dificuldade em enfrentar situações de preconceito no contexto escolar.

O Docente 4 pondera que vivenciou somente uma atitude de preconceito, em uma discussão com um discente. Esse relata que, ao solicitar que o estudante participasse da sua aula, esse se irritou e utilizou o termo "baitola", como forma de revide à atitude do professor. Porém o docente destaca que, ao longo dos seis anos de exercício do magistério, essa foi a única circunstância na qual sofreu algum ataque verbal, de cunho homofóbico. Ainda, em relação aos comentários e expressões de cunho homofóbico, o Docente 5 relata que presenciou outro momento de constrangimento, porém este vivenciado por uma aluna, lésbica, que sofreu insultos vindo de uma professora, colega sua. Refletindo sobre essa fala, percebe-se que, nas crenças institucionalizadas, há um único modo autêntico de viver as masculinidades e

feminilidades e uma única forma “padrão” de expressar-se sexualmente, ou seja, a heterossexual vem fazendo com que os indivíduos não se enquadrem nessa representação. Ou seja, o próprio professor, ao classificar a aluna como “lésbica”, atribui a este aspecto a origem do enfrentamento entre ele e a aluna.

Quadro 5 - Questão 3 - Você já vivenciou algum tipo de preconceito em relação a sua identidade de gênero no ambiente escolar? Descreva o ocorrido, caso tenha vivenciado

Postura do Docente		Comentários
Docente 1	Não	<i>“[...] apesar de evidente pela minha aparência, e os colegas sempre me respeitaram e nunca houve trato diferente para a minha pessoa.”</i>
Docente 2	Sim	<i>“[...] através de insultos indiretos realizados por alguns pais [...]”.</i>
Docente 3	Sim	<i>“No começo da carreira profissional fiz acompanhamento psicológico, algo que me ajudou a superar alguns traumas.”</i>
Docente 4	Sim	<i>“[...] ao pedir para que o estudante realizasse e participasse da aula, o mesmo se alterou e utilizou o termo “baitola” como forma de represália a minha atitude.”</i>
Docente 5	Sim	<i>“[...] comentários pelos professores[...]”.</i>
Docente 6	Não	<i>“Nunca vivenciei algum tipo de situação constrangedora e preconceituosa devido a minha orientação sexual.”</i>

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados.

Não restam dúvidas de que o ambiente escolar deve proporcionar a construção de criticidade e autonomia nos docentes, discentes e todos que compõem o espaço escolar. Partindo desta ideia, os docentes foram questionados sobre como se poderia abordar a temática das diferentes identidades de gênero na escola. Em resposta a esta questão, o Docente 1 declara:

“Acredito que deveria existir um trabalho mais forte sobre o assunto no ambiente escolar, é visto que os alunos entre si praticam bullying com as crianças LGBT. Muito disso vem de casa, onde os pais ensinam o certo é somente tradicional, e que o restante deve ser repudiado. A solução talvez, seria abordar mais o assunto com as crianças, mostrar que não somente o tradicional merece respeito, e que o LGTB é comum e não tem nada de errado, e pedir para que repassem aos pais em casa.”

No trecho acima, percebe-se que existe uma preocupação quanto às discussões de temáticas referentes à diversidade sexual, sendo notório que não somente os professores sofrem com a desigualdade social, mas também os alunos da escola. Como exposto, o preconceito, muitas vezes, tem origem na própria formação familiar, cabendo à escola desconstruir a ideia de classificar os sujeitos pela classe social, etnia ou gênero. É preciso lembrar que a escola tem uma função importante no processo de conscientização, como menciona o docente 2:

“[...] a escola precisa reavaliar como está reproduzindo as questões de gênero dentro de sua estrutura e de seu currículo, desde as filas na entrada separada por gênero, passando pelas atividades práticas na aula de educação física, até o conteúdo abordado pelos professores nas aulas teóricas.”

Considerando que a escola é, também, um espaço de reprodução da sociedade, faz-se necessário repensar como a temática pode ser abordada neste contexto. Este caminho se busca através da desconstrução, no que se refere às identidades sobre meninos de meninas, a separação das brincadeiras e os conteúdos por gênero e a delimitação de espaços, ou seja, a quebra de um padrão pré-estabelecido. Esse conjunto de ações, no sentido da desconstrução de modelos pautados pela heteronormatividade, se percebe na análise trazida pelo docente 3, que afirma que:

“[...] precisa ser feito um trabalho bem intenso com os próprios professores. O ser humano, de maneira geral, ainda não está preparado com aquilo que foge das “normas” tradicionais da

sociedade vigente. Cria-se um discurso de que preconceito não existe. Mas ele está introjetado dentro de muitos profissionais da Educação. Vejo que será um processo lento e gradativo para a própria escola seja um local efetivo de discussão de identidade de gênero. Como fazer isso? Disseminando discursos de paz, fraternidade, igualdade, respeito e tolerância ao próximo. Porque todos somos um. Todos somos humanos.”

Diante dessa situação, impõe-se a necessidade do professor de buscar informações sobre o tema, de modo a esclarecer para ele próprio a questão. Deve-se criar um espaço para discussão, dialogando sobre a identidade de gênero, discutindo o assunto abertamente, sendo essa a melhor maneira de eliminar o preconceito do espaço escolar. Promover discursos e práticas que tragam entendimentos mais aprofundados sobre esta questão, mobilizando-se, como um todo, para discutir atitudes, suas culturas, práticas em relação a que é diferente dos padrões a que estamos acostumados a viver.

Não se deve silenciar sobre esta questão, nem mesmo omitir casos de violência, gerados por práticas de preconceito de gênero. A partir desta perspectiva, resgatam-se a igualdade e o respeito uns pelos outros, como bem expõe o Docente 4:

“[...] Rodas de conversa com militantes do movimento LGBTQ, falar de profissionais da saúde, trabalhos envolvendo por exemplo estatísticas sobre a violência contra a população LGBTQ, realizar um projeto de conscientização junto aos estudantes para serem difundidas a outras pessoas no sentido de informação, fomentar a discussão sobre o mal que qualquer tipo de preconceito pode acarretar a vida de quem sofre tal atitude. Uso de mídias sociais e a forma como elas podem disseminar relações de ódio a população LGTBQ e estabelecer uma discussão mais próxima com a família dos estudantes sobre o tema.”

Essas contribuições abordadas no espaço escolar são fundamentais para o exercício da reflexão. Contudo, serão muito mais significativas se as famílias, também, forem instigadas a participar sobre a discussão.

Deste modo, trazer estas possibilidades de promover maior entendimento e esclarecimento sobre o assunto, cultiva a paz, a igualdade e, acima de tudo, o respeito ao próximo. Desenvolver projetos sobre o tema em questão contribui para desconstruir a homofobia no cotidiano escolar, mostrando as dificuldades que o preconceito pode provocar na vida de quem sofre, como demonstra o docente 6, que denuncia:

“As questões relacionadas à identidade de gênero são amplas e complexas. É necessário um planejamento profundo e muita maturidade para trabalhar a questão. A sala de aula e a escola são ambientes capazes de proporcionar um debate que abranjam diferentes perspectivas. Acredito que projetos interdisciplinares entre disciplinas que de alguma forma passem por esse tema seja uma boa maneira de abordar a temática com adolescentes.”

A narrativa deixa transparecer o quão é importante o docente estar preparado para abordar o assunto, buscando o maior número de informações a respeito. Desta maneira, a escola deve possibilitar espaços para se trabalhar essas questões, desempenhando um papel crucial na construção dos indivíduos. A escola necessita propor ações para a formação dos docentes, em relação às técnicas didáticas, preparando o professor para que esteja apto a sanar dúvidas e curiosidades dos discentes.

Quadro 6 - Questão 4: Na sua opinião, de que forma poderia ser abordado a temática nas escolas?

	Comentários
Docente 1	<i>“[...] deveria existir um trabalho mais forte sobre o assunto no ambiente escolar, é visto que os alunos entre si praticam muito bullying com as crianças LGTB”.</i>
Docente 2	<i>“[...] desde as filas na entrada separadas por gênero, passando pelas atividades práticas na aula de educação física, até o conteúdo abordado pelos professores nas aulas teórica”.</i>
Docente 3	<i>“[...] disseminando discursos de paz, fraternidade, igualdade, respeito e tolerância ao próximo”.</i>

Docente 4	<i>“Rodas de conversa com militantes do movimento LGBTQ. Realizar um projeto de conscientização junto aos estudantes [...]”.</i>
Docente 5	<i>“É muito importante também mostrar o que é preconceito e o que é “brincadeira [...]”.</i>
Docente 6	<i>“É necessário um planejamento profundo e muita maturidade para trabalhar a questão”.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados.

A inquietação que constitui essa relação entre o docente homossexual e o corpo docente da escola e, compreender como é visto, dentro deste contexto, pressupõe um rigoroso processo de questionamentos e reflexões durante o processo de investigação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente, a partir da discussão realizada, que nem todos os docentes são aceitos no espaço em que atuam. De alguma forma, vivenciaram algum tipo de preconceito, vindo por alunos, pais e/ou colegas. Diante destes fatos, podemos constatar que o espaço escolar necessita preparação para a inclusão de diferentes identidades.

A escola não é somente um lugar onde se aprendem letras e números, mas também deve promover cidadania. Deve ser espaço democrático e inclusivo, onde todos aprendem que é possível conviver com as diferenças. Para os docentes, falar sobre sua identidade não lhe traz constrangimento, porque, conforme eles próprios afirmam, sua identidade não é ocultada perante a comunidade escolar ou na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2000.

[Visualizar item](#)

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DIÁLOGOS entre Michel Foucault e Judith Butler para pensar sexualidade, gênero e identidade. **Philocultura**, 23 out. 2016. [Visualizar item](#)

GUIMARÃES, A. F. P. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009. [Visualizar item](#)

LÁZARO, A. L. F. **Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. [Visualizar item](#)

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes. 1999.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: América, 2004.

SANTOS, V. Homossexualidade no ambiente escolar. **Ensino de Sociologia em Debate**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2012.

[Visualizar item](#)

SEFFNER, F.; PICCHETTI, Y. P. A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável? **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2016. [Visualizar item](#)

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em: 28/04/2022

Aceito em: 10/05/2022